

## **HOMENAGEM DO NORDESTE E ESPECIALMENTE DO CEARÁ**

A luta contra o sub-desenvolvimento, a Operação Pan-Americana, a implantação de Brasília até a sua consolidação pioneira no avanço definitivo da interiorização — Belém-Brasília e a Brasília-Acre, as hidrelétricas Três Marias e Furnas, e finalmente o desenvolvimento do Nordeste — formam o esboço de uma infra-estrutura de soberana grandeza através dos tempos.

A nós, cearenses no Nordeste, o Presidente Juscelino nos deu a SUDENE e ORÓS. Permitam-nos aqui transcrever e ler o artigo que escrevemos na edição de 5a. Feira, a 05 de janeiro de 1961, sob a epígrafe “Orós — Legenda de Fé e Legenda de Esperança”.

A nossa homenagem de agrônomos, filhos do Ceará, vai expressa em termos de vida do mundo rural, que o Presidente JK libertou da injunção política, contra o preconceito de que aqui o desenvolvimento era impossível.

A luta do Nordeste, no sentido de conseguir o desenvolvimento harmônico e afastar a disparidade em que viviam os nordestinos frente ao Sul do País teve em Juscelino o seu melhor baluarte.

### **ORÓS NA SENDA DA ESPERANÇA**

O ano de 1961 iniciou-se com o registro de uma ressurreição, dada a reconstrução de nossa maior barragem em tempo recorde. E por isso, assim escrevemos:

“O rio Jaguaribe não é mais uma artéria aberta, por onde, como dizia Demócrito Rocha, ‘corre e se perde o sangue do Ceará’. A grande barragem que hoje se inaugura, qual pinça hemostática, foi posta em Orós. E o sangue azul da terra, a água, retida para irrigar os campos, pulsará nas turbinas que movimentarão máquinas para o desenvolvimento da agroindústria.

O açude, a fábrica de campo e a agropecuária, mediante um sistema de livre empresa, com agricultura diversificada transformarão a fisionomia do Vale que reverdecerá definitivamente, gerando uma nova estrutura da vida rural.

O impulso renovador se impõe pela técnica, mas devemos considerar que o sonho do povo cearense nutriu-se de imaginação, de vitalidade e de fé, até que se fincasse no boqueirão o marco monumental com que o grande Presidente Juscelino dividiu duas épocas na história do desenvolvimento econômico e social do Vale do Jaguaribe: antes e depois da construção de Orós.

Antes, era toda uma história de desalento, de pessimismos e incertezas a envolver a consciência de muitos. Era o 'não pode' calamitoso de administradores a alegar insuficiência de estudos e perigo de insucessos. Era até mesmo má vontade de Ministros a reter verbas e recursos financeiros, a maledicência contra o DNOCS, o alarma contra a 'indústria das Secas', verdadeira catapulta armada para contraditar as possibilidades da terra e do homem nordestino.

Venceu, porém o estadista, fazendo-se surdo à maledicência, guiado pela intuição generosa que anima os verdadeiros líderes do povo. Os pulsos do Presidente reagiram ao enfrentar com inteligência e coragem o desafio. Em novo estilo, as máquinas manejadas por operários e técnicos, sob o comando também de engenheiros nacionais, trabalham dia e noite.

A barragem zoneada, em forma de ferradura, erguia-se para o alto, pinçando na garganta o boqueirão. Eis que minguaram recursos financeiros. As chuvas de aguaceiros inesperados, imprevisíveis precipitaram-se sem que a parede houvesse atingido, em meio de construção, a cota suficiente. Sobreveio a catástrofe do arrombamento, e com ela, um maciço desencanto.

Novamente as Cassandras agoureiras fizeram onda. Antes alegaram impossibilidade técnica da construção. Chegaram até a ponderar o prejuízo de minérios que as águas armazenadas iriam cobrir. E finalmente, dizia-se, que as águas inundariam Iguatu.

Depois de arrombada, a grande barragem foi reconstruída em menos de um ano. A vontade do Presidente venceu o impossível".